

**CENTRO UNIVERSITÁRIO CURITIBA
FACULDADE DE DIREITO DE CURITIBA**

PAULO SÉRGIO PACHECO

**O SURGIMENTO DA PRISÃO E SEU USO COMO PRÁTICA PUNITIVA: UMA
ANÁLISE A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT**

CURITIBA

2018

PAULO SÉRGIO PACHECO

**O SURGIMENTO DA PRISÃO E SEU USO COMO PRÁTICA PUNITIVA: UMA
ANÁLISE A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Direito do Centro Universitário
Curitiba.**

Orientador: Prof^o. Doutor Bortolo Valle

CURITIBA

2018

PAULO SÉRGIO PACHECO

**O SURGIMENTO DA PRISÃO E SEU USO COMO PRÁTICA PUNITIVA: UMA
ANÁLISE A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Direito da Faculdade de Direito de Curitiba, pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Orientador:

Professor Bortolo Valle

Professor 1º Membro da Banca

Professor 2º Membro da Banca

Curitiba, de de 2018

À minha família a quem dedico todo meu esforço.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao professor Dr. Bortolo Valle por ter aceitado a orientação do presente trabalho e também pela paciência e compreensão sem os quais este trabalho não teria sido concluído.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar como se deu a mudança das práticas punitivas a partir do século XVIII, as torturas e as execuções de criminosos foram caindo em desuso graças a uma série de fatores que, combinados, deram lugar às penas de reclusão. O projeto arquitetural de Jeremy Bentham forneceu o conceito mais adequado de estrutura que deveria conter os desajustados sociais e, através da reprodução da sociedade livre num ambiente controlado, os presos deveriam ser reeducados com o auxílio de um corpo técnico especializado em várias áreas do conhecimento. Seu corpo deveria ser docilizado mas a prisão não produziu corpos dóceis, ao contrário, produziu corpos mais rebeldes contrapondo assim o discurso ressocializador do Estado. Embora essa constatação possa parecer um fracasso, os grupos que controlam o poder acabaram se beneficiando dessa situação porque envolveram a classe mais pobre num ciclo contínuo de controle que envolvia prisões, ilegalidades e volta para as prisões. O presente trabalho se desenvolve com base no pensamento de Michel Foucault, grande pensador de seu tempo que, em uma das fases de seu pensamento, se preocupou com as relações de poder que envolvem as práticas punitivas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE MICHEL FOUCAULT	9
3. A EVOLUÇÃO DAS PRÁTICAS PUNITIVAS	20
4. A SOCIEDADE DISCIPLINAR E OS CORPOS DÓCEIS	25
5. O PANÓPTICO DE JEREMY BENTHAM	29
6. O SURGIMENTO DO CÁRCERE COMO PRÁTICA PUNITIVA	32
7. A PRISÃO, O TRABALHO E OUTRAS QUESTÕES	40
7.1 O TEMPO E SEU APROVEITAMENTO NAS PRISÕES.....	43
8. CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1. INTRODUÇÃO

O cárcere nem sempre foi a prática punitiva aceita por praticamente todos os países do mundo, antes do século XVIII a reclusão tinha o objetivo de garantir que o acusado ficasse à disposição da justiça até o cumprimento da sentença que geralmente consistia em mutilações, expulsão da sociedade, trabalhos forçados ou até mesmo uma morte lenta e dolorosa em praça pública para servir de exemplo.

Mudanças econômicas ocorridas no período em questão e que são conhecidas historicamente como Revolução Industrial tornaram inviáveis a prática de penas cruéis como as de outrora, até porque havia um grande custo de tempo e dinheiro envolvido para preparar toda a punição que apresentava certos ares teatrais, o encarceramento surge como uma opção graças ao conjunto de fatores envolvendo práticas punitivas inglesas e francesas. As prisões modernas surgem graças ao conceito arquitetônico desenvolvido por Jeremy Bentham chamado Panóptico, nesse projeto consta como deveria ser a estrutura ideal de vigilância e o que antes deveria ser um projeto de poder para uma sociedade baseada na vigilância torna-se o conceito ideal de estrutura para as prisões. Reformadores como Beccaria não haviam previsto o surgimento das prisões e pediam que o cárcere fosse usado com função punitiva mas o sucesso das prisões foi tão grande que até hoje não se achou uma prática punitiva que o substituísse. A expectativa inicial era reproduzir, em pequena escala, a sociedade livre dentro das prisões e, com o auxílio de um corpo técnico especializado em várias áreas tais como medicina, trabalho, educação e disciplina o preso teria todo o suporte para se transformar num indivíduo dócil. Em que pese a insistência no discurso socializador que o Estado adota até os dias de hoje, as prisões se transformaram numa fábrica de delinquentes. Esse problema foi absorvido e aproveitado pela classe que exerce o poder uma vez que ela usa esse o ciclo de delinquência, prisão, delinquência para manter sob controle as classes mais pobres. O trabalho se desenvolveu tendo como base o pensamento de Michel Foucault, um dos principais pensadores de seu tempo que se preocupou com uma questão tão complexa.

2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE MICHEL FOUCAULT

Em uma tradicional família de médicos franceses em 15 de outubro de 1926 nasce na cidade de Poitiers, Paul Michel Foucault. Seu pai, Paul André Foucault, é um renomado cirurgião que trabalha no hospital público da cidade. Sua mãe, Anne Malapert, é filha de cirurgião, seu pai ensinava na escola de medicina de Poitiers, ela costumava dizer que “guardou para sempre o lamento de ter nascido muito cedo para que o estudo da medicina fosse conveniente a uma mulher.”¹

Foucault teve dois irmãos, Francine, a irmã mais velha e Denys, seu irmão mais novo, obviamente o pai dessas crianças considerava que medicina era o caminho natural a seguir pelos homens da família Foucault porém toda família tem um rebelde e em 1937 Michel Foucault anuncia a seu pai que será professor de História. Não escondendo a frustração seu pai comenta que essa opção possui um “status familiar inaceitável, a não ser estando na Sorbonne como o primo Plattard que é um especialista conceituado em Rabelais.”²

Em 1939 é deflagrada a Segunda Guerra Mundial, Foucault e seus irmãos são enviados para o interior da França enquanto seus pais acolhem parentes em êxodo. O governo francês, não conseguindo resistir por muito tempo ao poderio militar alemão muda sua política de guerra e faz acordo de colaboração com a Alemanha nazista. A casa da família Foucault, onde estão os irmãos, é parcialmente requisitada pelos alemães e essa condição só mudará ao final da guerra. Em face do conflito a tendência é a desordem se instalar em todos os ambientes e no Liceu não foi diferente, a ausência de professores e a aglomeração dos estudantes parisienses em Poitiers fez com que a família Foucault colocasse Michel no colégio Saint-Stanislas que era dirigido por padres das escolas cristãs. Em 1942, Foucault fica sem seu professor de Filosofia, pois ele acabara por ser deportado sob a acusação de participar da resistência francesa, sendo assim, graças aos esforços de sua mãe, Michel Foucault consegue continuar com suas aulas de Filosofia, agora seu professor é Louis Girard, estudante de Filosofia conhecido em Poitiers por suas

¹ MOTTA, Manoel Barros da. **Michel Foucault Problematização do Sujeito**: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Coleção Ditos & Escritos. Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1999. p. 1.

² Ibid. p. 2.

explicações do Manifesto Comunista, essa relação não dura muito tempo pois a mãe de Foucault trabalha nos bastidores usando sua influência para que o colégio recrute um padre beneditino da abadia de Ligugé para ensinar Filosofia.

Ao concluir sua formação estudantil de nível médio, Foucault pretende continuar seus estudos na Escola Normal Superior, contudo, em 1945, sua inesperada reprovação nos exames de admissão faz com que ele adie um pouco seus planos e acabe voltando a fazer o curso preparatório no liceu Henri IV de Paris onde conhece Jean Hyppolite que virá a ser seu mestre e amigo. Podemos dizer que é nesse período da vida de Michel Foucault que sua reputação filosófica se inicia, principalmente graças à simpatia de seu mestre e pelas altas notas conseguidas no transcorrer do curso preparatório, seus esforços não são em vão, em 1946 Foucault é aceito na Escola Normal Superior.

Se o espírito rebelde de Michel Foucault desapontou seu pai, que esperava em seu filho a continuidade da tradição da família onde os homens são naturalmente destinados a exercer medicina, podemos dizer que, mesmo com esse gesto de rebeldia, Foucault não negou totalmente sua linhagem tradicional na área da saúde, seus estudos iniciais de filosofia se voltam para a crítica dos processos usados em psicologia e psiquiatria. O curso de Maurice Merleau-Ponty “sobre união da alma e do corpo em Melebranche, Maine de Biran e Bergson determina o primeiro projeto de tese de Foucault sobre o nascimento da Psicologia com os pós-cartesianos.”³

Em 1948 Michel Foucault consegue sua licenciatura em Filosofia na Sorbonne, seu pensamento é muito influenciado pelo curso intitulado Ciências do homem e fenomenologia ministrado por Merleau-Ponty, professor de psicologia na mesma universidade. No ano seguinte Foucault recebe sua licenciatura em psicologia, e mesmo com uma vida pessoal atribulada por problemas de ordem pessoal consegue redigir um trabalho de filosofia sobre Hegel com a orientação de Jean Hyppolite.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial o mundo se polarizou em dois lados com ideologias opostas, um deles capitaneado pela então URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e o outro liderado pelos EUA (Estados Unidos da América), a disputa pela hegemonia de um dos lados era tão acirrada e a tensão

³ MOTTA, 1999. p. 4.

entre os envolvidos era tão grande que o período logo após o grande conflito mundial ficou conhecido como Guerra Fria. Os pensadores da época não ficaram alheios aos problemas mundiais e isso não seria diferente com Michel Foucault que no ano de 1950 se filia ao Partido Comunista Francês. Conciliar os problemas pessoais com a vida acadêmica não é tarefa fácil e em outubro do mesmo ano Foucault passa por um breve tratamento de desintoxicação e cogita se internar no hospital de Saint-Anne o que acaba não acontecendo por influência de seu amigo Louis Althusser que por ali já passara em 1947. Maurice Pingue escreve suas impressões sobre Foucault “Minha primeira imagem de Michel Foucault, um jovem risonho de gestos vivos, um olhar claro e vigilante por trás das lentes sem armação; entendi *en passant* que se tratava de Dasein, do ser para a morte.”⁴

Foucault não se adapta muito bem ao Partido Comunista Francês principalmente pelo fato do partido procurar controlar em demasia a vida de seus membros e em 1951 confia ao seu amigo Gilbert Humbert que há três anos não é mais comunista. Suas licenciaturas em Filosofia e Psicologia lhe propiciam margem para que não fique sem trabalho. Foucault torna-se professor auxiliar de Psicologia na Escola Normal Superior, suas aulas são muito requisitadas e assistidas por pessoas como Paul Veyne, Jacques Derrida, Maurice Pinguet entre outros. Paralelamente ao trabalho como docente e psicólogo, há o início da tese sobre os pós-cartesianos e o nascimento da Psicologia graças a uma bolsa de estudos conseguida junto à Fundação Thiers que tem prazo de validade curto mas que o ajuda a prosseguir em seus estudos até se tornar assistente em Psicologia na Faculdade de Letras de Lille. Nesse período, por volta de 1953, Foucault volta seu interesse acadêmico para a psiquiatria alemã no período entre guerras, faz muitas anotações mas não publica nada.

Graças ao seu círculo de amigos influentes tanto no mundo acadêmico como no governo francês, Foucault consegue indicação para trabalhar na *Maison de France* como leitor de francês na cidade de Upsália, Suécia, cargo considerado de grande prestígio dentro das relações culturais e lá permanecerá por três anos. Desanimado com os rumos do ensino na França, em 1957 Foucault resolve sustentar uma tese sobre história da Psiquiatria na Suécia mas ela é rejeitada,

⁴ MOTTA, 1999. p. 5.

futuramente o manuscrito desse trabalho se tornará *História da Loucura*. No ano seguinte parte para a cidade de Varsóvia na Polônia com a missão de reabrir na universidade local o Centro de Civilização Francesa, todavia a convivência com algumas pessoas de seu círculo de amigos e seus manuscritos sobre o encarceramento incomodam as autoridades locais, principalmente a polícia. Pressionado a partir, Foucault é destacado para dirigir o Instituto Francês de Hamburgo por período de três anos. Voltando à França, é eleito para a faculdade de Clermont-Ferrant e instala-se em Paris e, visando o doutorado, desenvolve duas teses que são apresentadas na Sorbonne em 1961, uma trata da *Antropologia em Kant* e a outra é a tão conhecida *História da Loucura*. Na Escola Normal Superior é nomeado examinador no concurso de entrada para a instituição onde seu grande amigo J. Hyppolite é diretor e ainda no ano de 1961 termina a redação de *O Nascimento da Clínica: Uma arqueologia do olhar médico* obra publicada apenas em 1963.

O modo como Foucault desenvolve seus trabalhos é tido como estruturalista. Vale dizer que essa associação não é totalmente inverídica pois seus trabalhos iniciais apresentam elementos desse método

A noção de estrutura foi, com, sobreposta à noção, mais foucaultiana, de epistema, alimentando assim a identificação de Foucault à corrente estruturalista na década de 1960. Na verdade, apesar de uma aproximação, por vezes, reivindicada, bem no início de seu trabalho, o filósofo não deixou, a partir de "As Palavras e as Coisas", em 1966, de querer aumentar a distância entre suas próprias pesquisas e a pesquisa dos estruturalistas.⁵

A produção acadêmica de Michel Foucault segue fecunda e, ainda no ano de 1963, recebe um convite para dirigir o Instituto Francês em Tóquio, Japão. Por razões pessoais acaba declinando do convite e passa a se dedicar a um livro sobre os signos que futuramente ganharia o título final de *As palavras e as coisas*. No ano seguinte sua *História da Loucura* ganha uma edição simplificada de bolso que é acessível ao grande público, a comunidade intelectual vê com ressalvas os fundamentos que justificam a edição de coleções eruditas a preços populares. Embora tendo uma obra em versão *pocket* que se tornou sucesso de vendas,

⁵ REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 140.

Foucault rompe com o editor que se recusa a reeditar a *História da Loucura* em versão integral, algumas traduções estrangeiras dessa obra tiveram por base a versão simplificada o que não agradou autor.

Embora Michel Foucault seja respeitado e admirado como intelectual até mesmo por seus desafetos, sua vida pessoal atribulada acaba por influenciar negativamente sua carreira acadêmica, em 1965 corre o rumor de uma possível nomeação como subdiretor dos ensinos superiores para as ciências humanas que acaba por não se concretizar graças a uma campanha feita por universitários contrários à sua indicação que vasculharam sua vida privada e a divulgam. As notícias se espalham rápido, o sociólogo G. Gurvitch o incentiva a se apresentar para uma cadeira de psicologia na Sorbonne, mas em face da hostilidade encontrada na tradicional universidade, acaba por desistir. Em outubro de 1965 Gérard Lebrun o convida para palestrar na Universidade de São Paulo e lá fala sobre alguns capítulos de seu próximo trabalho que ainda não está totalmente pronto e que será publicado em abril de 1966.

A publicação de *As palavras e as coisas* é bem recebida no mundo acadêmico e ganha projeção através da imprensa que fala sobre as idéias contidas no livro e não deixa de notar e noticiar seu grande sucesso de vendas, a primeira edição se esgota em apenas um mês e meio, o sucesso o deixou desconfortável por não estar habituado aos holofotes. Em 1966, Foucault se desliga da universidade para passar três anos na Tunísia lecionando Filosofia e de lá responde às críticas a seu último trabalho. Sua simpatia às ideologias de esquerda e as agitações no cenário político tunisiano, principalmente pelos reflexos da Guerra dos Seis Dias, fez com que Foucault não ficasse indiferente aos problemas locais passando a dar apoio aos estudantes politizados de esquerda que faziam reuniões em sua casa, como consequência a polícia local passou a observar mais cuidadosamente seus passos chegando até mesmo a pressioná-lo a sair do país.

Seu livro *Arqueologia do Saber* fica pronto em 1967. Por causa da oposição ao seu nome para lecionar na Sorbonne, Foucault renuncia definitivamente a qualquer pretensão trabalhar como docente nessa instituição preferindo se candidatar a uma cadeira na Universidade de Nanterre onde é eleito para lecionar na área de psicologia.

A nomeação para assumir seu lugar como professor em Nanterre demora a sair e por isso resolve ir para a Tunísia ficar mais um ano por lá onde encontra novos protestos, agora para libertar os estudantes tunisianos presos. Na França vários setores da sociedade civil encontram-se agitados e descontentes com os rumos do país, nas universidades oficializa-se um movimento estudantil em Nanterre e a Universidade de Sorbonne é ocupada, toda essa agitação acaba por ter como resultado uma greve de grandes proporções.

Michel Foucault transita entre grupos de alunos rebeldes tanto da França quanto da Tunísia, e sua simpatia aos discentes e à causa estudantil é tão grande que ele chega até mesmo a dar apoio logístico e financeiro aos jovens tunisianos, por sua vez os estudantes franceses medem forças diretamente com a direção da Universidade de Vincennes e a polícia intervém, Foucault os acompanhava, acaba sendo detido e passa a noite no departamento de polícia juntamente com mais duzentos estudantes franceses.

Em março de 1969 é publicada *A arqueologia do saber*. No ano de 1970 é eleito para a nova cadeira de História dos Sistemas de Pensamento, antiga História do Pensamento Filosófico onde o titular era seu grande amigo e mestre Jean Hyppolite, o registro e posterior publicação de sua aula inaugural ficará conhecido como *A Ordem do Discurso*.

Em 1971, por ocasião de uma conferência de imprensa de advogados maoístas que estavam em greve de fome objetivando mudar seu status de presos comuns para presos políticos, Michel Foucault anuncia, juntamente com um grupo de intelectuais que incluíam professores universitários, médicos e juizes, a criação do Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP). Seu interesse pelas relações de poder toma novos contornos, mais voltado à militância nas ruas do que ao estudo teórico chega a dar a seguinte declaração sobre sua nova fase “esta nova preocupação ofereceu-se a mim como verdadeira saída em relação ao enfado que eu sentia em face da coisa literária.”⁶

De sua casa são planejadas as ações do grupo que, em alguns casos, chegam a ultrapassar a barreira da legalidade quando, por exemplo, introduzem clandestinamente dentro do ambiente prisional questionários para que os presos

⁶ MOTTA, 1999. p. 32.

respondessem. A justificativa da ação audaciosa encontra-se no manifesto do GIP distribuídos à imprensa

Publicam-se poucas informações sobre as prisões, é uma das regiões escondidas do nosso sistema social, uma das caixas-pretas de nossa vida. Temos o direito de saber, nós queremos saber. Por isso é que, com magistrados, advogados, jornalistas, médicos, psicólogos, formamos o Grupo de Informação sobre as Prisões.⁷

Os questionários não precisavam ser devolvidos, até mesmo porque sua devolução poderia complicar a vida do preso ou do familiar que fosse pego com um documento não autorizado pela direção dentro do presídio, a resposta às perguntas vinha oralmente através do parente ou cônjuge que fazia a visita. *Enquête dans vingt prison* é o resultado desse trabalho onde estão as respostas do questionário enviado aos presos. Michel Foucault ganha a simpatia de presos comuns e seus familiares, a prisão como instituição de controle por excelência ganha visibilidade enquanto problema a ser discutido por todos e não apenas por quem governa.

Foucault passa a aprofundar seus estudos sobre práticas punitivas, em 1971 inicia seu curso *Teorias e instituições penais*. Uma história da psiquiatria penal que seria a continuação natural de *História da Loucura* foi um projeto que nunca veio a se concretizar, o interesse pelas relações de poder e sua ativa militância lhe tomavam muito tempo para dar vazão a um projeto complexo como esse. Notícias sobre as atividades do Grupo de Informação sobre as Prisões (G.I.P) ganham o mundo e as consequências são a simpatia dos presos e seus familiares e, a mais importante delas, os presos passam a ter consciência de sua condição peculiar, a restrição de liberdade não esgota todos os direitos inerentes à pessoa humana e é preciso fazer alguma coisa para garantir os demais direitos não atingidos pela sentença. Em 1971, ocorre uma rebelião na prisão de Attica nos EUA que dura quatro dias, parte da opinião pública atribui a entrada de informações do mundo exterior como uma das causas que motivaram a rebelião. Na França, Foucault aluga com recursos próprios uma grande sala para debater sobre prisões, muitos egressos

⁷ MOTTA, 2003. p. 2.

do sistema prisional e seus parentes falam como convidados especiais sobre suas experiências.

A informação é uma arma poderosa e sua disseminação pode ter conseqüências imprevisíveis, entre 1971 e 1972 houve trinta e cinco revoltas de presos na França. Nesse período, o grupo liderado por Michel Foucault publica os *Caheirs de revendication* que procura fazer uma associação entre o aumento das amotinações e o discurso político reivindicativo. O GIP faz escola e grupos de outras áreas seguem seu padrão de organização como o Grupo de Informação Saúde (GIS), Grupo de Informação Asilo (GIA) entre outros. Assim que os presos que fomentaram rebeliões ganham a liberdade eles se juntam para formar a primeira organização de detentos da França e em dezembro de 1972 é lançado o primeiro jornal do Comitê de Ação de Prisioneiros (CAP). Pressionado por setores conservadores da sociedade Foucault recua em seu discurso: “Por muito tempo pedimos aos delinqüentes suas lembranças, não suas idéias”⁸ mas mesmo assim apóia a criação da Associação de Defesa dos Direitos dos Detentos (ADDD).

No ano de 1973 Michel Foucault vem ao Brasil para uma série de conferências na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC) que acabam resultando na publicação de *A verdade e as formas jurídicas*, no ano seguinte volta ao Brasil para mais seis conferências sobre *Urbanização e saúde pública e Genealogia da psicanálise no seio das práticas da psiquiatria no século XIX*. Em 1975 é publicado o livro *Vigiar e punir, o nascimento da prisão*. Seu novo livro é recebido sem muito entusiasmo pela comunidade acadêmica, o historiador Jacques Revel escreve em *Le Magazine Littéraire*

Conhecíamos seu engajamento, sua ação no GIP. Esperávamos, de certa forma, um livro militante. Eu diria que nos decepcionamos (...) a militância desse livro não está, de modo algum, ali onde pensávamos encontrá-la. O desvio histórico encontra aqui, sem dúvida, sua função crítica.⁹

Muitos acadêmicos preferem não comentar, num primeiro momento, o novo trabalho de Foucault e a esquerda não assimila muito bem o conceito de

⁸ MOTTA, 1999. p. 37.

⁹ Ibid. p. 41.

micropoderes. Ainda nesse ano volta à Universidade de São Paulo e lê um texto sobre o assassinato de jornalista Vladimir Herzog feito por estudantes, a polícia brasileira acompanha os passos de Foucault de modo incisivo a tal ponto de os diplomatas franceses o avisarem de que ele está sob sua proteção. Depois do Brasil o filósofo vai para a Universidade de Columbia participar de um debate sobre medicina, violência e psiquiatria e diz que para que as práticas de tortura sejam mais eficiente é preciso a colaboração de alguém ligado à área médica, pois é justamente esse profissional que tem conhecimento técnico de reanimar o supliciado e prolongar sua dor, nessa conferência cita o caso Herzog. A experiência nos Estados Unidos lhe proporciona certa empolgação em face das características próprias da sociedade norte-americana, as comunidades alternativas, os ativistas envolvidos nos movimentos feminista e gay chamam-lhe a atenção atizando sua curiosidade.

O início do ano de 1976 começa com o curso *É preciso defender a sociedade* e Foucault diz querer colocar um termo às pesquisas sobre os mecanismos de repressão, no final desse ano é publicado *Vontade de Saber*, primeiro volume da *História da sexualidade*, esse livro é bem recepcionado nas comunidades feministas e gays mas encontra certa indiferença nos meios intelectuais. Embora Michel Foucault tenha dados novos rumos aos seus objetos de estudo não se pode dizer que ele abandonou totalmente a temática das práticas repressivas e as relações de poder, podemos dizer que os cursos que se seguem fazem uma espécie de transição de fase no pensamento de Foucault, um exemplo disso é o curso iniciado em janeiro de 1978 intitulado “*Securité – Territoire – Population*” onde começa com questões relacionadas ao poder e termina fazendo a transição para o tema governamentalidade. Em 1977 alguns textos políticos são publicados sob o título de *Microfísica do Poder*, nos anos que se seguem acaba por se envolver nos problemas da sociedade iraniana que se encontra em ebulição, essa agitação social terminará com a deposição à força do xá, Foucault apóia abertamente a revolução e é muito criticado por isso, principalmente pelas feministas.

Em época de eleições, invariavelmente os meios de comunicação perguntam à Foucault sobre suas intenções de voto e ele responde de modo evasivo por “não ter que se pronunciar publicamente sobre escolhas eleitorais; para ele, isso seria

ocupar uma posição de autoridade e não uma posição crítica”.¹⁰ Sua negativa em apoiar abertamente alguma tendência política gera conflito com os socialistas que acusam os intelectuais de se manterem distantes da política.

Após sofrer críticas por ter apoiado a revolução iraniana, Foucault revisa seu posicionamento e publica uma carta aberta no *Le nouvel observateur* e denuncia os abusos do regime iraniano. No início de ano de 1979, passa a estudar os textos dos filósofos da igreja católica e produz material para o segundo volume de sua História da Sexualidade onde explora a questão das confissões associada à sexualidade. Suas andanças pelo mundo bem como sua preocupação e envolvimento com os problemas sociais em vários lugares fazem com que Foucault diminua um pouco suas atividades no *Collège de France* e chega até mesmo cogitar se desligar da instituição e viver com os proventos oriundos de seus direitos autorais e de um seminário permanente que lhe é proposto em Berkeley (EUA). Em 1983, opta por dividir em dois volumes os escritos sobre Uso dos Prazeres, livro que acredita estar totalmente acabado, nesse ano cogita não confirmar seu curso no *Collège de France*. Seu estado de saúde começa a dar sinais de debilidade e requer maiores cuidados, embora Foucault não tenha alterado sua rotina de trabalho, seu quadro clínico vai se agravando com o passar do tempo.

Em 3 de junho de 1984, Michel Foucault é hospitalizado no hospital Saint-Michel, no dia 9 do mesmo mês é transferido para outro hospital, a Salpêtrière. Num breve período de melhora, recebe o terceiro volume de *História da Sexualidade, cuidado de si*. No dia 25 de junho de 1984 morre Michel Foucault, a pedido da família, o hospital emite a seguinte nota descrevendo clinicamente a AIDS

O Sr. Foucault entrou no dia 9 de junho de 1984 para a clínica das doenças do sistema nervoso da Salpêtrière, para que fossem realizados os exames complementares, tornados necessários pelas manifestações neurológicas que vieram complicar um estudo septicêmico. As investigações revelaram a existência de focos de supuração cerebral (...) Um brutal agravamento retirou toda esperança terapêutica eficaz e o falecimento ocorreu dia 25 de junho às 13:15.¹¹

¹⁰ MOTTA, 1999. p. 50.

¹¹ Ibid. p. 64.

Michel Foucault foi um dos grandes pensadores de seu tempo, contemporâneo de intelectuais como Jean-Paul Sartre, Jean Hippolyte, Gilles Deleuze, Jacques Derrida entre tantos outros, viveu numa época turbulenta de grandes agitações sociais graças às influências das duas grandes guerras, sua opção pelas ideologias de esquerda foi o caminho natural a seguir por uma mente inquieta e ativa como a dele, não raro participava ativamente de movimentos sociais junto com o povo mas sempre teve o cuidado de evitar extremismos como o terrorismo, por exemplo. Seu pensamento costuma ser dividido em três partes

Em sua primeira etapa, a arqueológica, Foucault procura fazer uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade mediante à qual nos constituímos em sujeitos de conhecimento. Em um segundo momento, o genealógico, tenta produzir uma ontologia histórica de nossos modos de sujeição em relação ao campo de poder por meio do qual constituímos como sujeitos que agem sobre os demais. Na terceira etapa, a ética, pretende elaborar uma ontologia histórica de nossas subjetividades em relação aos questionamentos pelos quais nos convertemos em agentes morais.¹²

O desenvolvimento do presente trabalho será feito com base na segunda fase do pensamento de Foucault que ficou conhecida como genealogia do poder onde, no capítulo seguinte, falaremos sobre a evolução das práticas punitivas.

¹² DÍAZ, Esther. **A Filosofia de Michel Foucault**. Tradução de Cesar Candiotto. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 2.

3. A EVOLUÇÃO DAS PRÁTICAS PUNITIVAS

Michel Foucault inicia seu livro *Vigiar e Punir* nos dando um exemplo de como fora realizado o cumprimento de uma sentença judicial em que o réu foi condenado pelo crime de parricídio em meados do século XVIII na França.

[Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [onde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na praça de Grève, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puzado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento.¹³

Trata-se de um tipo de sentença onde o suplício, a dor levada ao extremo, tem como objetivo atingir o corpo do condenado, essa espécie de show de horrores visa mostrar o que acontece àqueles que por ventura venham infringir a lei vigente. Outros países seguiam a mesma linha de raciocínio quanto às práticas punitivas, “no século XVIII havia na Inglaterra 313 ou 315 condutas capazes de levar alguém à forca, ao cadafalso, 315 casos punidos com a morte.”¹⁴

A transição para punições menos cruéis ocorreu gradativamente graças a dois principais fatores, quais sejam, a reformulação das teorias penais onde pensadores como Beccaria, Bentham e Brissot influenciaram mudanças nas práticas punitivas dissociando a falta moral ou religiosa do conceito de crime e também ao jogo de interesses entre os diferentes setores da sociedade civil.

¹³ *Pièces originales et procédures du fait à Roberti-François Damiens*, 1757, Apud. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 9.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003. p. 80.

A falta é uma infração à lei natural, à lei religiosa, à lei moral. O crime ou a infração penal é a ruptura com a lei, lei civil explicitamente estabelecida no interior de uma sociedade pelo lado legislativo do poder político. Para que haja infração é preciso haver um poder político, uma lei e que essa lei tenha sido efetivamente formulada¹⁵

Importante ressaltar que a legislação formulada com base nos novos ideais não deveria ser mera compilação da lei natural, religiosa ou moral. A lei penal deve ser resultado de um amplo debate entre os representantes da sociedade e deve ter como objetivo regular as questões envolvendo conflitos visando a manutenção da paz social. Se a nova forma de pensar estabelece que a tipificação da falta deve ser alheia às questões morais, religiosas ou naturais teremos como consequência a mudança na definição do conceito de crime que passa a ser entendido como uma falta que prejudica a sociedade, prejudica a paz social. Esse novo entendimento tem como base as idéias sobre o pacto social de Rousseau, o crime não é mais entendido como uma afronta à autoridade do rei.

“Se o crime é um dano social, se o criminoso é o inimigo da sociedade, como a lei penal deve tratar esse criminoso ou deve reagir a esse crime?”¹⁶ A solução, segundo alguns pensadores da época, seria penas envolvendo deportação, trabalho forçado, vergonha, escândalo público e pena de Talião. Podemos observar claramente que mesmo os teóricos responsáveis pela mudança sobre o entendimento das práticas punitivas não vislumbravam o encarceramento como uma sanção possível em caso de quebra do pacto social, a prisão do acusado era considerada apenas uma garantia de que a sentença iria ser efetivamente cumprida.

As práticas punitivas passam por um processo de reformulação, a execução da sentença, que até então fora voltada ao espetáculo, fica mais discreta. Novos meios mais eficazes de cumprimento das sentenças judiciais foram pensados através de máquinas que pudessem dar fim à vida do condenado de modo rápido, evitando assim, prolongar seu sofrimento. Modelos mais eficientes de força foram produzidos, a guilhotina, máquina de morte ícone de seu tempo, também passou por atualizações. Com o advento da Revolução Francesa o espetáculo punitivo foi usado como uma das formas de propaganda do novo regime, todavia, na prática, a

¹⁵ FOUCAULT, 2003. p.80.

¹⁶ Ibid. p. 81.

influência dos novos ideais relacionados à punição era tão profunda que todo o processo foi pensado de tal modo que pairasse uma aura de mistério em torno de todo o processo executório, o ato de punir já não necessitava mais de tantos espectadores e os que se encontravam presentes no ato de cumprimento da sentença já não precisavam ver a execução em seus mínimos detalhes.

Mas a Revolução logo se revestiu de um grandioso rito teatral. Durante anos, deu espetáculos. Foi necessário deslocá-la para a barreira de Saint-Jacques; substituir a carroça por uma carruagem fechada; empurrar, rapidamente, o condenado do furgão para o estrado; organizar execuções apressadas e em horas tardias; finalmente, colocá-la no interior das prisões e torná-la inacessível ao público (depois da execução de Weidmann, em 1939); bloquear as ruas que davam acesso à prisão onde estava oculto o cadafalso e onde a execução se passava em segredo (execuções de Buffet e Bontemps, em Santé, em 1792); processar testemunhas que relatavam o ocorrido para que a execução deixasse de ser um espetáculo e permanecesse um estranho segredo entre a justiça e o condenado.¹⁷

As mudanças não ocorrem de modo uniforme em todas as nações, países que passavam por constantes agitações sociais tendiam a demorar mais a aceitar e aplicar as novidades. A Inglaterra era um bom exemplo disso, mas é preciso observar que mesmo a resistência em tornar sua legislação menos cruel não foi suficiente para evitar mudanças nos tribunais onde as penas eram abrandadas se o júri considerasse a pena excessiva para o caso concreto.

Diante do exposto sobre as mudanças nas práticas punitivas a pergunta que surge naturalmente é

Se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que, então, se exerce? A resposta dos teóricos – daqueles que abriram, por volta de 1780, o período que ainda não se encerrou – é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma¹⁸

¹⁷ FOUCAULT, 1987. p. 17-18.

¹⁸ Id. p. 18.

O debate sobre o castigo ideal a ser aplicado em casos de conflito com a lei não teve muito a ver com questões humanitárias, o conceito que temos hoje sobre Direitos Humanos foi desenvolvido em período posterior às reformas iniciais do sistema penal, o que estava sendo proposto era o desenvolvimento de uma nova forma de exercício de poder visando uma universalidade no tratamento punitivo, pois até então, o tipo de sentença a ser aplicada poderia ser mais branda ou mais severa dependendo da classe social do acusado.

Durante todo o século XVIII, dentro e fora do sistema judiciário, na prática penal cotidiana como na crítica das instituições, vemos formar-se um nova estratégia para o exercício do poder de castigar. E a “reforma” propriamente dita, tal como ela se formula nas teorias de direito ou que se esquematiza nos projetos, é a retomada política ou filosófica dessa estratégia, com seu objetivos primeiros: fazer da punição e da repressão das ilegalidades uma função regular, coextensiva à sociedade; não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir.¹⁹

O corpo do condenado passa a constituir apenas uma parte do novo e complexo processo punitivo, se antes a punição do corpo era suficiente para a expiação da culpa, agora novas questões são levantadas, não somente o crime é levado em conta no julgamento mas também a motivação do acusado e os fatores externos que tenham relação com o fato delituoso. Desse modo podemos observar que houve uma descentralização da responsabilidade dos magistrados em julgar, apesar da sentença ser sua responsabilidade, técnicos de várias áreas do conhecimento o auxiliam na busca da verdade formulando pareceres que possam justificar uma eventual condenação, dessa forma esses profissionais acabam por se tornarem a parte mais visível do processo ao mesmo tempo em que o juiz se distancia e se restringe a analisar os pareceres e promulgar seu veredito.

As mudanças econômicas com base nos novos meios de produção a partir do século XVIII influenciaram vários aspectos da vida em sociedade, incluindo a mudança no entendimento das práticas punitivas que foi acompanhada da devida readequação dos discursos que justificavam a punição. Com o aumento da concentração de bens o conceito de propriedade privada passou a ser muito

¹⁹ FOUCAULT, 1987. p. 69-70.

valorizado o que, sem dúvida alguma, refletiu diretamente na área penal. Estabelecer regras mais eficientes para proteger a propriedade passa ser uma necessidade cada vez mais urgente, os indivíduos passam a ser avaliados não mais pelo que eles fazem mas pelo que eles podem vir a fazer

Toda a penalidade do século XIX passa a ser um controle, não tanto sobre se o que fizeram os indivíduos está em conformidade ou não com a lei, mas ao nível do que podem fazer, do que são capazes de fazer, do que estão sujeitos a fazer, do que estão na iminência de fazer.²⁰

Surge assim o conceito de periculosidade. Isso “significa que o indivíduo deve ser considerado pela sociedade ao nível de suas virtualidades e não ao nível de seus atos”.²¹ Para evitar o mal é preciso se prevenir e para que essa prevenção seja eficaz se faz necessário que os corpos sejam docilizados, principalmente os corpos rebeldes que não se adéquam às regras do bom convívio dentro da sociedade.

²⁰ FOUCAULT, 2003. p. 85.

²¹ Id. p. 85.

4. A SOCIEDADE DISCIPLINAR E OS CORPOS DÓCEIS

Em vários momentos da história da humanidade o corpo foi alvo de investidas do poder constituído, mas a partir do século XVIII esse interesse é redobrado não se limitando apenas às questões envolvendo práticas punitivas. Os conceitos de produtividade e eficiência passaram a ter grande importância na nova ordem econômica que se desenvolvia com base na produção industrial se espalhando por todos os setores da sociedade.

Organizar as pessoas através de um novo discurso disciplinador para que elas produzissem mais e melhor passou a ser uma necessidade dos novos tempos. As fábricas passam a integrar o rol das instituições disciplinares por excelência tais como colégios, conventos e exército, elas se aproveitaram das técnicas já conhecidas e experimentadas pelas instituições disciplinares que a precederam

A fábrica parece claramente um convento, uma fortaleza, uma cidade fechada; o guardião "só abrirá as portas à entrada dos operários, e depois que houver soado o sino que anuncia o reinício do trabalho", quinze minutos depois, ninguém mais terá o direito de entrar; no fim do dia, os chefes de oficina devem entregar as chaves ao guarda suíço da fábrica que então abre as portas.²²

Nem todas as formas de processo disciplinar são tão incisivas quanto a descrita acima, muitas vezes isso se dá de modo mais sutil. Princípios como o da localização imediata dizem basicamente que cada indivíduo deve ocupar um determinado lugar de acordo com suas aptidões, essa é uma das formas menos agressivas de disciplinarização que apresenta algumas vantagens como propiciar uma observação mais apurada do indivíduo criando condições para avaliar seu desempenho e suas necessidades no sentido de que ele possa produzir mais e melhor, evita influências nocivas de terceiros, algo muito comum em grupos onde a convivência com o coletivo pode gerar questionamentos inconvenientes que atrapalhem a meta a ser alcançada visando mais eficiência e produtividade. A fábrica não pode ser um ambiente onde o operário entra e sai quando bem entender

²² FOUCAULT, 1987. p. 122.

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades e os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico.²³

A distribuição celular e o respectivo isolamento dos operários dentro das fábricas é uma variante mais branda da velha tradição vinda do cristianismo, a clausura. Ela era aplicada excepcionalmente como sanção aos clérigos faltosos, seu objetivo era obter a redenção dos pecados praticados e tinha estreita ligação com o conceito de arrependimento através da oração e meditação. Em um momento posterior esse pensamento terá grande influência no desenvolvimento das modernas práticas punitivas.

Aperfeiçoar a disciplina é fundamental para o bom funcionamento das novas técnicas de controle, Michel Foucault lista algumas técnicas disciplinares como, por exemplo, a delimitação do espaço que será usado. Seja ele um colégio, um quartel ou uma fábrica, o primeiro passo é definir os limites físicos de atuação naquilo que se pretende exercer o controle, uma vez definido o espaço para trabalhar é necessário que se faça a distribuição espacial dos corpos, esse processo ficou conhecido como princípio da localização imediata ou do quadriculamento.

Cada indivíduo em seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as divisões por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir²⁴

Se o princípio da localização imediata nos permite saber quais corpos estão em que lugar, o próximo passo é maximizar o desempenho desses corpos através do que Foucault descreveu como localizações funcionais. “Lugares determinados se definem para satisfazer não só à necessidade de vigiar, de romper comunicações

²³ FOUCAULT, 2003. p. 123.

²⁴ Id. p. 123.

perigosas, mas também de criar um espaço útil²⁵ onde cada um ocupa seu lugar de acordo com suas aptidões e desempenho. O intercâmbio entre os elementos que compõem o processo disciplinar permite que seja criada escalas de desempenho que vão definir a posição do corpo no espaço dentro das instituições.

Embora os elementos constituintes do processo disciplinar sejam complementares, dois de seus componentes se sobressaem, são eles a sanção normalizadora e a vigilância hierárquica. É muito comum encontrarmos regimentos disciplinares próprios dentro das instituições de controle que definem não só como o corpo que ali está inserido deve se comportar, onde deve ficar e o que deve fazer como também apresentam um rol de sanções para eventuais desvios de conduta, mesmo os mais insignificantes. Para contrabalancear a aplicação das punições eram dadas algumas recompensas em determinados casos, elas serviam de estímulo ao bom comportamento aumentando assim a competitividade entre os corpos produtivos. Desenvolve-se então, através do que Foucault chamou de microeconomia da penalidade, um processo envolvendo recompensa/sanção que variava de acordo com o desempenho do indivíduo possibilitando o agrupamento de informações mais precisas do corpo onde eram identificadas qualidades e deficiências. O corpo que produzisse de acordo com o que se esperava dele era recompensado ao passo que os desempenhos insatisfatórios eram sancionados, desse modo o corpo estava sempre sob pressão, seja porque a assimilação do discurso sobre recompensa forçasse uma competição supostamente benéfica, seja por temor da sanção. Uma vez que as regras estejam estabelecidas é preciso ter a certeza de que elas sejam cumpridas e para que isso aconteça é imprescindível o desenvolvimento de processos eficientes de vigilância.

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam.²⁶

²⁵ FOUCAULT, 2003. p. 123.

²⁶ *Ibid.* p. 143.

Locais estratégicos são pensados para que o observador tenha plena visão de tudo que acontece, são as “pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver e ser vistos”. Uma nova arquitetura que diz respeito não somente ao espaço físico delimitado por paredes mas também à disposição dos corpos, acaba por se desenvolver para maximizar a vigilância, ver e ser visto é a palavra de ordem. O observador deve exercer seu controle sob o observado e este deve sentir o peso da vigilância a todo o tempo para que não se desvie de sua função. Não basta apenas recolher informações sobre o corpo e catalogá-las, é preciso que o processo de verificação seja constante e ininterrupto. É através do exame, que funciona como técnica complementar, que essa verificação constante se dará, o “exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados”²⁷, também por meio do emprego dessa técnica é possível averiguar se o conhecimento que foi passado para o exercício de determinada função está sendo bem empregado.

A mudança no pensamento sobre as práticas de controle tornando-as mais refinadas nos mostra que nas fábricas, quartéis ou escolas o controle é justificado através de argumentos que envolvem produtividade, mas o que esperar dos corpos que não se adequaram às práticas de controle? Após a concepção da prisão moderna, algo útil para a sociedade pode ser produzido nessa instituição? Primeiramente vamos analisar o Panóptico, projeto arquitetônico multifuncional proposto por Jeremy Bentham que pode ser aplicado em qualquer setor da sociedade que necessite de controle e vigilância.

²⁷ FOUCAULT, 1987. p. 154.

5. O PANOPTICO DE JEREMY BENTHAM

O Panóptico é um projeto arquitetônico proposto pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham com o objetivo de maximizar a vigilância podendo contar com um reduzido número de observadores. “Em 1793 Bentham concebeu seu projeto de Panopticon, que se tornaria a matriz arquitetônica das prisões européias.”²⁸ Foucault descreve em seu livro *Vigiar e Punir* como deve ser a arquitetura ideal de uma estrutura voltada à vigilância permanente daqueles que nela se encontram

O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar.²⁹

Uma das principais características do panóptico é sua versatilidade, o conceito de arquitetura voltada a facilitar a vigilância pode ser aplicado em instituições de ensino, fábricas, quartéis, asilos ou presídios, com pequenas variações de acordo com o propósito e as peculiaridades de cada instituição.

“O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens.”³⁰ A individualização proporcionada pelo isolamento celular facilita o trabalho do vigia, ele pode coletar os dados que lhe interessam com mais precisão, algo que seria inviável num aglomerado de pessoas. É possível verificar a versatilidade do novo sistema também no número de pessoas necessárias para colocá-lo em funcionamento, com apenas um indivíduo é possível assumir o controle da torre central para observar tudo o que acontece ao redor sem ser visto, o que é uma vantagem numa eventual escassez de pessoal. O corpo

²⁸ FOUCAULT, Michel. **A Sociedade Punitiva**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015. p. 59.

²⁹ FOUCAULT, 1987. p. 165-166.

³⁰ Ibid. p. 169.

observado deve ter a certeza de que todas as suas ações estão sendo observadas mesmo que isso não aconteça de fato, a pressão psicológica criada pela expectativa de estar sob vigilância constante deve moldar o comportamento daquele que é observado, minimizando assim as chances de um comportamento indesejado.

Por ser versátil e relativamente fácil de ser aplicado, o Panóptico é rapidamente adotado pelas instituições disciplinares, a possibilidade de aperfeiçoar os mecanismos de controle através da observação e coleta de informações não se restringindo apenas às delimitações de um dado espaço físico é ideal para os objetivos dos novos tempos. Foucault acredita que a generalização dos processos disciplinares proporcionada pelo Panóptico é a parte visível de processos mais profundos na sociedade. A inversão funcional das disciplinas é um desses processos, “originalmente cabia-lhes principalmente neutralizar os perigos, fixar as populações inúteis ou agitadas; agora se lhes atribui o papel positivo de aumentar a utilidade possível dos indivíduos.”³¹ isso quer dizer que o discurso que justificava todo o conjunto de ações de uma determinada instituição de controle foi reformulado para adquirir um aspecto positivo, por exemplo, a disciplina militar passa a ser entendida como uma forma de aumentar a força do grupo, aumentar sua capacidade de reação e poder de fogo frente ao inimigo e não mais como um meio de evitar deserções e desobediências. Embora os novos mecanismos disciplinares tivessem surgido dentro de espaços fechados seu alcance não se limitou a eles, sua capacidade de se transferir para outras instituições foi um dos principais fatores que colaboraram para sua ramificação em todos os setores da sociedade e não mais apenas em algumas instituições.

As escolas são bons exemplos dessa capacidade que os mecanismos disciplinares têm de se ramificar, “assim, a escola cristã não deve simplesmente formar crianças dóceis; deve também permitir vigiar os pais, informar sua maneira de viver, seus recursos, sua piedade, seus costumes”.³² Esse alcance se torna possível graças à observação do comportamento das crianças, o garoto ou garota que apresentar algum desvio de comportamento ou ter rendimento escolar insatisfatório acaba gerando uma série de desconfianças sobre a competência dos pais no que diz respeito à educação de seus filhos justificando assim um processo de

³¹ FOUCAULT, 1987. p. 173.

³² Ibid. p. 174.

fiscalização que verificará e colherá informações sobre a família supostamente negligente. O Panóptico, que surgiu como um projeto de arquitetura limitado por espaços definidos, agora é um conceito abstrato que influencia e aperfeiçoa outros processos disciplinares, sua aplicação e alcance não tem limites.

A estatização dos mecanismos de disciplina é outro processo citado por Foucault que contribuiu para o sucesso da expansão das instituições disciplinares. O controle da disciplina social era realizado por grupos autônomos de inspiração religiosa na Inglaterra enquanto na França esse papel era exercido pelos patronatos e grupos de auxílio que, através da caridade aos pobres, recolhia informações úteis sobre grupos marginalizados enquanto a polícia exercia papel meramente repressivo, cabendo-lhe cuidar para que o poder local não fosse afrontado. Esse entendimento sobre o papel da polícia no controle das atividades ilícitas mudou profundamente com base nas novas práticas disciplinares, ela foi organizada sob a forma de aparelho de Estado ligado ao centro de poder, a polícia passa ser um “aparelho que deve ser coextensivo ao corpo social inteiro, e não só pelos limites extremos que atinge, mas também pela minúcia de detalhes de que se encarrega. O poder policial deve-se exercer sobre tudo”³³, não é mais a simbologia da ofensa ao corpo do rei que conta, agora trata-se do interesse por todo e qualquer acontecimento por mais insignificante que seja. A partir de sua reformulação, a polícia vai atuar não só recolhendo informações através de uma vigilância incessante sobre o corpo para formar seus próprios arquivos e usá-los de acordo com seus interesses como também alimentará um sistema de controle que surge como uma nova forma de punir, menos cruel e menos dado ao espetáculo.

³³ FOUCAULT, 1987. p. 176.

6. O SURGIMENTO DO CÁRCERE COMO PRÁTICA PUNITIVA

As prisões existiam muito antes do conceito de Panóptico ser posto em prática, a detenção de pessoas era usada para garantir que o preso estivesse à disposição de justiça até o cumprimento da sentença, a idéia da restrição de liberdade como forma de castigo foi produto de transformações nas sociedades inglesa e francesa de meados do século XVIII.

Mudanças econômicas ocorridas principalmente na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX influenciaram todos os setores da sociedade de modo que o acúmulo de bens mudou o entendimento sobre as práticas punitivas.

A classe burguesa não teve escolha a não ser colocar nas mãos da classe trabalhadora todo seu investimento nos meios de produção, sendo assim pequenos delitos, especialmente o furto, passaram a ser uma preocupação ainda maior. Caso a vigilância constante não fosse suficiente para prevenir ou impedir desvios de comportamento, uma punição adequada se fazia necessário, como as penas cruéis estavam caindo em desuso, uma nova prática punitiva surgiu como alternativa, a pena de reclusão. Foucault usa os acontecimentos das sociedades inglesa e francesa no final do século XVIII para mostrar como o processo que envolve a mudança nas práticas punitivas está ligado ao conceito religioso da penitência dos cristãos, à economia das práticas punitivas e também a reeducação do corpo para torná-lo produtivo.

Na Inglaterra vários grupos se formaram para assumir publicamente a função de vigilância, controle e punição, “eram grupos não organizados de cima para baixo e assumiam a missão de manter a ordem ou, em todo o caso, a definição de novos tipos de ordem, e a busca de instrumentos próprios para garantir essa ordem”³⁴. Foucault divide esses grupos em quatro, sendo o primeiro constituído por organizações religiosas dissidentes tais como quakers e metodistas, cuja função se resumia basicamente em fiscalizar eventuais desvios de comportamento no interior de suas comunidades e estabelecer uma barreira para evitar o acesso de estranhos, muitos dos problemas eram relacionados às questões morais onde o adultério,

³⁴ FOUCAULT, 2015. p. 95.

embriaguez e fuga do trabalho eram objeto de sua atuação fiscalizadora. O segundo grupo era composto por sociedades indiretamente ligadas ao primeiro, seus valores morais eram os mesmos, mas a grande diferença era que o controle e fiscalização era exercido apenas nos elementos externos ao grupo. Fiscalizar e coibir vícios de toda ordem estava entre suas atribuições, jogos, prostituição, bebedeiras e qualquer outra coisa que ameaçasse o conceito de família tradicional deveria ser combatido,

Os controles eram exercidos exclusivamente sobre elementos externos, e isso era feito de duas maneiras: por um lado, por meio de algumas intervenções, pressões e ameaças; por outro, caso estas falhassem, passava-se a um segundo tipo de intervenção nos tribunais: denúncia, ação judicial.³⁵

O principal objetivo dessas associações era “impedir que a classe mais vil da sociedade se apoderasse dos jovens inexperientes e lhes extorquisse dinheiro”³⁶. Outro grupo que merece menção é dos paramilitares que surgem por volta de 1779 quando a Inglaterra passa por um período de revoltas populares, composto pela alta burguesia e por notáveis da sociedade inglesa, seu objetivo era cuidar não só dos problemas relacionados à moral mas também manter combater casos de desordem, “cabe notar que, vinte anos depois esses notáveis terão encontrado uma fórmula bem diferente: utilizar as pessoas mais pobres para cumprir essas tarefas; eles terão então inventado a polícia.”³⁷ Por último, surgem os grupos essencialmente econômicos com objetivo de guardar o patrimônio burguês que se encontrava exposto, tais como lojas e docas por exemplo.

O avanço econômico propiciado pelo advento da indústria estimulou a migração da população rural para as grandes cidades que por sua vez não conseguiram absorver totalmente o grande número de pessoas que chegavam de modo que parte do contingente humano simplesmente não tinha o que fazer. A burguesia investia seu capital em equipamentos e estoques e

³⁵ FOUCAULT, 2015. p. 96.

³⁶ Id. p. 96.

³⁷ Ibid. p. 97.

A divisão do trabalho fez que a circulação de mercadorias em grandes quantidades e em estágios sucessivos de elaboração e transformação fosse localizada cada vez mais maciçamente em alguns pontos – entrepostos, docas -, de tal maneira que, ao mesmo tempo que o modo de produção capitalista se desenvolvia, o capital acabava exposto à diversos riscos que antes eram muito mais controláveis.³⁸

A preocupação com crimes contra o patrimônio aumenta, não só a população excedente que se encontra nas ruas constitui um perigo à propriedade como também a nova classe operária passa a ser objeto de desconfiança porque é nas mãos dela que estão todas as ferramentas e maquinário comprados com dinheiro burguês, somente a intensificação da vigilância não é suficiente para conter desvios de comportamento e as práticas punitivas existentes não correspondem mais às necessidades da sociedade que passa a tratar as populações menos favorecidas com base em conceitos da moral cristã, surge então a necessidade de reformulação das práticas punitivas para minimizar os riscos ao aumento da circulação de riqueza.

Com um poder central fraco o estado inglês tratava as questões envolvendo ilícitos com as velhas fórmulas de sempre. Os organismos judiciários e seus mecanismos punitivos cujo alcance estava restrito à sua jurisdição, não tinham como acompanhar e analisar com eficiência os problemas surgidos com a circulação da riqueza, o sistema judiciário não estava preparado para atuar na velocidade em que as coisas aconteciam. Outro recurso eram as leis extremamente rigorosas que o estado inglês usava como meio de fortalecer seu poder endurecendo-as ainda mais sempre que possível, essa solução acabou por se mostrar um recurso ineficiente no combate aos crimes.

O sistema de controle ideal, de acordo com o novo pensamento que despontava, deveria ter como parâmetros a moral e a penalidade, a punição adquire desse modo um aspecto positivo

Tais sociedades tinham como primeira função não tanto detectar e punir o crime quanto atacar principalmente falhas morais e, até mesmo aquém destas propensões psicológicas, hábitos, modos de ser, comportamentos como a preguiça, o jogo, a devassidão. Tratava-se [também] de atacar as condições e os instrumentos de facilitação da falta, como o comércio de bebidas, jogos, loterias, casas de prostituição. Por fim, tratava-se de

³⁸ FOUCAULT, 2015. p. 97.

produzir não só algo como uma sanção penal, mas também algo muito mais positivo e contínuo.³⁹

Ao aplicar seu próprio sistema de controle, os grupos acima citados não só demonstraram seu descontentamento com o poder real como também iniciaram uma nova fase nas práticas punitivas onde mesclavam conceitos morais com uma punição que se adequava aos princípios da nova ordem econômica. O poder central não resistiu à pressão daqueles que

Propuseram-se moralizar a sociedade, a despeito do Estado ou, de qualquer modo, com a ajuda dele, caso ele aceitasse, e, no momento em que quiseram moralizar a sociedade, verificou-se que, na verdade, eles estatizaram a moral e fizeram do Estado o agente principal da moralização.⁴⁰

O processo de mudança nas práticas de controle na França não sofreu tanta influência da expansão industrial quanto na Inglaterra, no século XVII os franceses passaram por um período de grande depressão econômica e por seguidas agitações populares dificultando a criação de uma burguesia forte que pudesse implementar mudanças semelhantes às que ocorreram na Inglaterra.

As práticas de controle e repressão na França estavam a cargo de duas instituições, o judiciário e o exército. Desde o fim da Idade Média até o século XVII, o sistema judiciário francês havia passado por um processo de apropriação privada, chegando ao ponto dos cargos serem transmitidos por herança, desse modo quem aplicava a justiça tinha interesses semelhantes aos dos proprietários de terras, muitos julgados terminavam sem as punições determinadas pela legislação local afrontando assim o poder régio que percebeu que, na prática, seu controle sobre a população era apenas nominal. O exército era acionado para conter revoltas populares, mas o custo de manutenção das tropas era alto e sua relação com quem o havia solicitado nem sempre era amistosa, por essa razão e pelo fato do sistema judiciário estar viciado, surge

³⁹ FOUCAULT, 2015. p. 98.

⁴⁰ Ibid. p. 104.

Daí a necessidade de recorrer a outro aparato: foi a invenção que consistiu em substituir a repressão por uma técnica de retirada de parte da população. Em vez de enviar o exército era menos caro e politicamente mais prudente captar de antemão os elementos da população que pudessem ser perigosos; assim a reclusão substituiu a técnica do controle das populações pela justiça e pelo exército.⁴¹

A captação e separação dos elementos indesejáveis da sociedade era feita pelas intendenções de justiça, polícia e finanças que tomavam para si parte das funções do judiciário, entre suas atribuições estava julgar e aplicar sanções aos crimes de pequeno potencial ofensivo como a vadiagem, por exemplo. Esse tipo de prática de controle era bem aceito pela sociedade francesa porque o recrutamento dos intendentos se dava nas classes mais baixas, a estratégia de colocar elementos marginalizados social e economicamente para funções de controle e vigilância obteve grande êxito junto à população que tinha a impressão de que tanto as classes subalternas quanto as dominantes tinham um ideal em comum.

Uma forma de controle muito usada na França monárquica era a ordem régia, esse instituto consistia em dar o aval do rei às pretensões de um particular, uma vez que o aval fosse concedido a pretensão tinha valor de ordem real. Qualquer pessoa ou grupo tinha legitimidade para solicitar uma ordem régia, a maior parte dos pedidos vinham das classes mais baixas da sociedade e

Incidiam sobre alguns comportamentos que o Código Penal não definia como infrações, mas que alguns particulares, micropoderes locais (paróquias, corporações etc.), não podiam admitir: infidelidade conjugal, devassidão, dissipação do patrimônio, vida irregular, agitação, ou seja, as duas grandes categorias, desordem e violência.⁴²

As ordens régias eram solicitadas também para casos tipificados no Código Penal, mas que por questões de economia, não passavam pelo processo convencional como, por exemplo, os casos envolvendo acusações de bruxaria, os primeiros conflitos trabalhistas foram resolvidos com base nesse instituto.

⁴¹ FOUCAULT, 2015. p. 114-115.

⁴² Ibid. p. 118.

Trabalhadores preguiçosos ou insubordinados que fizessem greve eram alvo das ordens régias e eram expulsos da comunidade onde atuavam ou eram mantidos presos de acordo com a conveniência de seu empregador. Todos os problemas que fugiam ao sistema penal tradicional ou que não encontravam previsão na legislação vigente eram resolvidos através de um pedido feito ao intendente local ou ao tenente em Paris que por sua vez instaurava um processo administrativo rudimentar semelhante ao inquérito para averiguar se o requerente tinha de fato razões para requerer sua solicitação, após avaliado o pedido e confirmada sua legitimidade, ele era encaminhado à casa real que o deferia. A punição mais pedida através da ordem régia era a reclusão

Ora, essa reclusão não ocorria em prisões, mas, na metade dos casos, em casas religiosas, em grande parte destinadas a essa função, bem como em casas leigas, algumas das quais eram hospitais gerais, outras pensões particulares ou casas de detenção [*maison de force*]⁴³

A reclusão não era entendida como uma pena propriamente dita, mas um meio que o solicitante da ordem régia tinha de afastar seu desafeto e fazer com que ele se arrependesse de sua suposta ofensa. Tanto o pedido quanto seu deferimento não faziam referência ao tempo mínimo e máximo de duração da reclusão que variava de acordo com a vontade do solicitante, que por sua vez era quem arcava com os custos de manutenção da pessoa presa, o objetivo era fazer com que a pessoa detida se arrependesse de seu ato ou, ao menos, que o solicitante da ordem régia tivesse percebido uma mudança no comportamento do preso que indicasse arrependimento.

Inglaterra e França desenvolveram suas próprias práticas de controle de modo independente, enquanto grupos com inclinações religiosas começaram a transformar a sociedade inglesa pressionando o Estado, os franceses tinham um governo central forte que dava sua anuência para as ações das classes mais baixas. As técnicas de controle desenvolvidas tiveram origens diferentes, mas o objetivo era o mesmo, “para além das diferenças, é possível perceber uma analogia fundamental: com apoios complementares diferentes, temos na realidade o mesmo

⁴³ FOUCAULT, 2015. p. 119.

movimento de coerção, e os mesmo elementos por controlar”⁴⁴, ou seja, todo aquele que não estivesse inserido econômica e moralmente em algum grupo deveria ficar sob vigilância constante, vícios de qualquer natureza não seriam tolerados e tanto as práticas de controle francesas quanto inglesas caminharam para a estatização. Em 1784 apareceram, na França, “as grandes casas de correção que tinham por objetivo encarcerar e corrigir mendigos, vagabundos, pobres que não podiam trabalhar”⁴⁵

Enquanto as idéias de reformadores como Beccaria influenciavam o entendimento sobre a responsabilidade penal do delinquente sugerindo sanções proporcionais à gravidade de seus atos, a punição com base na moral cristã associada a um aproveitamento econômico do corpo, separando o indivíduo da sociedade para reeducá-lo e devolvê-lo transformado em alguém economicamente produtivo mostrava que as práticas punitivas estavam passando por um processo de humanização e a prisão era a instituição perfeita para essa transformação. É preciso deixar claro que a humanização das práticas punitivas foi uma consequência da mudança no processo punitivo e não o objetivo principal dessa mudança, o fato da punição ter se tornado menos cruel tem mais relação com a economia punitiva de aproveitamento do corpo do condenado e quais informações podemos extrair dele do que propriamente questões humanitárias.

Segundo Foucault, não foram somente os mecanismos mais evidentes tais como o controle de classes menos favorecidas economicamente que contribuíram para o desenvolvimento e disseminação das prisões, um mecanismo mais profundo influenciou de maneira decisiva a aceitação da nova forma de controle, o ilegalismo popular. Esse ilegalismo citado por Foucault se referia às relações sociais permeadas de pequenas ilegalidades que eram toleradas por todos, inclusive pelo governo, mas que não chegava a causar um prejuízo econômico e social a tal ponto de desestruturar a ordem constituída, muito pelo contrário,

O ilegalismo não é um acidente, uma imperfeição mais ou menos inevitável. É um elemento absolutamente positivo do funcionamento social, cujo papel está previsto na estratégia geral da sociedade. Todo dispositivo legislativo

⁴⁴ Foucault, 2015. p. 123.

⁴⁵ Id. p. 123-124.

providenciou espaços protegidos e aproveitáveis nos quais a lei pode ser violada, outros em que ela pode ser ignorada, outros, por fim, em que as infrações são sancionadas.⁴⁶

A intensidade do controle e a rigidez na aplicação da pena levava em consideração a maior ou menor tolerância a determinados ilegalismos. No período pré-industrial, por exemplo, a burguesia se beneficiava das relações de contrabando deixando de pagar os impostos devidos ao governo, quando as classes mais baixas se rebelavam contra a cobrança excessiva de tributos a burguesia também se beneficiava de modo direto e sem correr o risco de se indispor com o governo. A tolerância burguesa em relação aos ilegalismos muda a partir surgimento da indústria, o controlar da riqueza fica mais difícil na nova sociedade industrial porque para que haja produção não há outra alternativa senão a burguesia colocar nas mãos das classes mais baixas, que foram transformadas em classe operária, grande parte de sua riqueza na forma de meios de produção, delitos como furtos e outros meios de desvio de riqueza passaram a ser menos tolerados, outro fenômeno que reforçou e ratificou a intolerância a pequenos delitos foi a penetração da classe burguesa no judiciário, os donos da riqueza passaram também a ser os administradores da justiça.

⁴⁶ MOTTA, Manoel Barros da. **Michel Foucault: Segurança, Penalidade e Prisão**. Coleção Ditos & Escritos vol. VIII. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

7. A PRISÃO, O TRABALHO E OUTRAS QUESTÕES

O encarceramento como prática punitiva deveria solucionar os problemas com criminosos, desocupados e todos aqueles que não estivessem economicamente inseridos na sociedade ou que causassem algum tipo de perturbação, essas pessoas deveriam colocadas numa prisão feita de acordo com os padrões do Panopticom, seriam isoladas e reeducadas para depois serem reinseridas na sociedade, livre de seus vícios.

Embora os reformadores não tivessem previsto a prisão como forma de controle, o discurso que se desenvolveu para justificá-la ganhou adeptos pelo mundo fazendo com que o encarceramento nas prisões se tornasse o sistema de controle por excelência. As prisões se espalharam pelo mundo, dois modelos prisionais ganharam destaque e acabaram servindo de base para todos os outros para todos os outros sistemas prisionais que vieram depois, o de Auburn que consistia em celas individuais onde o preso era recolhido apenas à noite, as regras eram rígidas e deveriam ser cumpridas sem questionamentos, o trabalho e as refeições eram em conjunto, a comunicação com outros detentos era vedada, podendo o preso se dirigir somente aos guardas que o vigiavam, ele deveria tom voz respeitoso e em tom baixo desde que lhe fosse dada a devida autorização para falar. O sistema auburniano procurava reeducar usando a disciplina, trabalho e convívio com outros presos

A prisão deve ser um microcosmo de uma sociedade perfeita onde os indivíduos estão isolados em sua existência moral, sem relacionamento lateral, só se podendo fazer comunicação no sentido vertical. Vantagem do sistema auburniano segundo seus partidários: é uma repetição da própria sociedade.⁴⁷

O outro sistema foi aplicado na cidade da Filadélfia no estado da Pensilvânia, Estados Unidos da América, daí o fato desse sistema ser conhecido por sistema da Filadélfia ou da Pensilvânia, nessa versão de prática punitiva o preso ficava em

⁴⁷ FOUCAULT, 1987. p. 200.

isolamento total e quaisquer atividades deveriam ser desenvolvidas sem que o preso deixasse sua cela, essa é uma punição que sofre clara influência da clausura monástica, no sistema da Filadélfia reproduzir o mundo exterior não era o objetivo principal, pois a solução do problema, segundo esse sistema, estava dentro do indivíduo e isolá-lo totalmente criava as condições ideais para que ele pudesse se redimir através da reflexão sobre seus atos o que acabaria por despertar sua consciência interior e elevar seus conceitos morais.

A diferença na aplicação do tratamento penal entre os dois sistemas punitivos gerou alguns conflitos, pois a comparação era inevitável e muitas perguntas eram feitas para se estabelecer qual dos dois sistemas era o melhor, era preciso saber onde se encontrava o menor custo, qual dos dois sistemas tinha a vigilância mais eficiente, se o isolamento total levava à loucura ou se era, de fato, um método eficiente, entre outras questões.

Enquanto não se encontrava respostas imediatas aos questionamentos sobre qual modelo prisional era o mais adequado, a adoção em larga escala de penas restritivas de liberdade se mostrou um verdadeiro fracasso em seus objetivos iniciais de reeducação e readaptação social, um dos fenômenos mais evidentes desse fracasso foi a constatação de que grande parte das pessoas que ficavam encarceradas mudavam seu comportamento no sentido oposto ao previsto e, via de regra, eram devolvidas ao convívio social menos sociáveis do que quando tiveram sua liberdade restrita em face de uma sentença.

Muitas das técnicas usadas no processo de reeducação ajudavam na coleta de informação sobre os presos, formando assim um extenso arquivo sobre as pessoas que deveriam ser controladas, mas uma técnica em particular recebeu críticas até mesmo da população que se encontrava fora das prisões, qual seja, o trabalho usado com a finalidade de reabilitar presos.

“O trabalho é definido, junto com o isolamento, como um agente da transformação carcerária”⁴⁸, nas prisões ele faz parte do processo de reeducação desde que o encarceramento em massa ganhou a preferência entre as práticas punitivas, em que pese as justificativas teóricas para a aplicação das atividades laborais nas prisões, para a classe econômica, colocar o preso para trabalhar num

⁴⁸ FOUCAULT, 1987. p. 202.

ambiente controlado por disciplina rígida significava a possibilidade de mão de obra barata, aumento de produção sem a necessidade de investimentos vultosos e economia de espaço nas fábricas, mas a classe trabalhadora livre mostrou seu descontentamento com essa situação porque não lhe agradou o fato do trabalho realizado por pessoas em conflito com a lei ter a mesma remuneração, ou um pouco menos, que o trabalho realizado por pessoas livres que não cometeram crime algum. A insatisfação operária crescia em tempos de crise e os jornais ligados aos sindicatos de trabalhadores denunciavam uma suposta tentativa do governo de favorecer o trabalho prisional para forçar a queda no salário de trabalhadores livres.

Para forçar o governo a encontrar uma solução, muitos operários entraram em greve, não era somente a questão salarial que estava em jogo, muitos se sentiam ultrajados por verem seus trabalhos sendo realizados por presos, nivelar no mesmo nível trabalhadores livres e trabalhadores presos desqualificava o fator punição que deveria sempre prevalecer para quem estivesse recluso numa prisão

Os ladrões vivendo em prisões bem aquecidas e bem abrigados executam os trabalhos de chapelaria e de marcenaria, enquanto o chapeleiro reduzido ao desemprego tem que ir ao abatedouro humano fabricar alvaiade a 2 francos por dia.⁴⁹

Sobre a introdução do trabalho nas prisões a Câmara de Paris recebeu muitas cartas e petições contrárias às novas medidas, entre tantas negativas às mudanças trazidas pelos novos tempos, uma das petições foi negada porque “achou desumano que se propusesse empregar assassinos, ladrões, em trabalhos que pertencem agora a alguns milhares de operários”⁵⁰. Até os dias atuais essa questão não foi totalmente resolvida e a toda nova crise econômica a relação entre preso e trabalho volta ser discutida de modo apaixonado e muitas vezes sem que se chegue a uma conclusão definitiva. Em face de tanta resistência ao trabalho remunerado nas prisões foi adotado um sistema em que o preso receberia apenas uma pequena fração do que poderia ser entendido como salário, desse modo foi possível convencer e acalmar a classe trabalhadora de que o trabalho dos presos não estava

⁴⁹ FOUCAULT, 1987. p. 202.

⁵⁰ Id. p. 202.

sendo equiparado ao trabalho dos homens livres. Pessoas violentas e desajustadas socialmente deveriam mudar seu comportamento através do trabalho uma vez que a ocupação útil lhes ensinaria a dar valor às conquistas adquiridas com seu esforço, daí a necessidade de ter alguma recompensa que ao mesmo tempo servisse de estímulo ao preso e que não se equiparasse ao salário dos trabalhadores livres, além da pequena remuneração alguns incentivos foram agregados ao trabalho dos presos tais como a remissão da sentença em virtude de dias trabalhados, por exemplo. Superada a fase de tentativa de lucrar com o trabalho dos presos e os conflitos que ela gerou, as atividades laborais eram entendidas treinamento para tornar dóceis corpos rebeldes através de uma ocupação que os habituassem ao mundo produtivo que se encontrava no exterior das prisões e no qual, em algum momento, os presos deveriam retornar.

7.1 O TEMPO E SEU APROVEITAMENTO NAS PRISÕES

O sequestro do corpo é a base na qual se assentou o início da transformação do delinquente, para que o corpo possa ser transformado é preciso dispor dele em tempo integral, o tempo agora passa a ser contado e administrado de acordo com uma rotina prisional que não deve ser alterada ou questionada, o acompanhamento do preso é feito por técnicos de áreas que possam colaborar com sua mudança de comportamento, principalmente as áreas médica e psicológica, a partir do sequestro inicia-se todo o processo de ressocialização. Quanto mais lesivo for o crime maior será o tempo em que o criminoso ficará recolhido em uma instituição penal, por isso na relação entre lesividade e tempo de reclusão é imprescindível acrescentar o fator ressocializador, sob o risco, segundo os teóricos, do tempo que for passado na prisão, ser um tempo mal aproveitado.

Vale lembrar que o tempo estipulado na sentença pelo órgão competente não se confunde com o tempo que o preso vivencia no cárcere, uma vez em execução a sentença, o tempo de prisão pode variar de acordo com o comportamento e as atividades que o preso venha a desenvolver na prisão e que contribuam para sua mudança, esse fenômeno acontece em face do fator ressocializador. Desse modo o

tempo também é usado como forma de estímulo ao bom comportamento do preso, tendo certa relação com o salário, se o salário é uma retribuição pecuniária em face de uma atividade laboral, o tempo nas prisões passa a ser como uma moeda de recompensa ao bom comportamento, eis aí a importância do fato da sentença aplicada pelo judiciário ser uma sentença com base no tempo mas que pode ser variável na prática com o objetivo de estimular uma melhora de comportamento.

Outro fator considerado de grande importância na ressocialização do preso é a educação, mas exatamente o que se entende por educação nas prisões? O que deve ser ensinado aos presos? Essa é uma questão que está intimamente relacionada ao trabalho, isso porque desde que começou a ser aplicado nas prisões o ensino sempre esteve associado ao aprendizado de alguma função laboral, estimular o pensamento livre pode ser um complicador na busca de um corpo dócil, desse modo, o objetivo do ensino nas prisões é ensinar algum ofício, é acostumar o preso à rotina do trabalho e da disciplina em face do que ele aprendeu nas oficinas prisionais. Conforme foi dito anteriormente, houve grande resistência dos trabalhadores livres ao fato do trabalho dos presos estar sendo equiparado ao seu, como o trabalho nas prisões necessariamente tinha que ter caráter educativo uma das soluções encontradas foi aplicar o ensino apenas de atividades com baixo status social tais como artesanato e outras funções que não são utilizáveis pela indústria

É curioso constatar, na maioria dos casos, que os operários que sofreram uma pena de prisão não têm mais nenhuma vontade de retornar ao trabalho, uma vez saídos dela. A administração penitenciária finge acreditar no valor educativo do trabalho nas prisões, embora tudo seja feito, assim parece, de modo a desencorajar, para sempre, os detentos a trabalhar⁵¹

O fracasso aparente da prisão ao associar a educação e trabalho sem muita utilidade prática, na verdade, é um sucesso, desse modo mantém-se um grupo sob controle não só através da vigilância constante nos presídios como é criado um círculo vicioso, o sujeito comete um crime, é preso, passa por um processo legal e é condenado, na prisão ele passa por processos de reeducação ineficientes, ao cumprir sua pena ele sai tão desestimulado do que quando entrou, em muitos casos

⁵¹ MOTTA, 2003. p. 73-74.

o ex-detento volta a delinquir e o ciclo recomeça. A educação fornecida pelo poder constituído educa para colocar o preso num ciclo do qual ele tem poucas chances de escapar. Como previsto inicialmente a prisão tem muita coisa em comum com as fábricas, todavia ela não produziu corpos dóceis como o previsto, ela se mostrou um verdadeiro fracasso

Isso, todavia, não serviu para destruí-la. Depois de um século e meio, ela se mantém sempre de pé. Aliás, ela é verdadeiramente um fracasso? Ou não seria, antes, um sucesso, e justamente pelas mesmas razões pelas quais a acusam de fracassar?⁵²

Segundo Foucault a prisão cria e mantém uma sociedade de delinqüentes e o que era para ser um problema acaba sendo absorvido e aproveitado pela sociedade através de uma nova economia das relações de poder. Dentro dos muros da prisão o corpo do delinquente fica sob vigilância constante e, do lado de fora, a continuidade das práticas delitivas por aqueles que passaram pela prisão alimenta todo um sistema de ilegalidades que não só movimentam muito dinheiro, mas também é conveniente à classe dominante que faz bom uso político da delinquência, principalmente através de discursos que usualmente envolvem uma maior necessidade de vigilância.

⁵² MOTTA, 2003. p. 156.

8. CONCLUSÃO

A mudança nas práticas punitivas foi um processo gradual oriundo das práticas de controle inglesas e francesas sob influência das mudanças econômicas do século XVIII no período histórico que ficou conhecido como Revolução Industrial e que constituiu um marco importante na história da punição. A redefinição da figura do delinquente, o desenvolvimento do conceito de periculosidade e a intolerância a certas ilegalidades que outrora eram toleradas colaboraram para uma redefinição das práticas punitivas. Jeremy Bentham com seu projeto arquitetural para uma sociedade baseada na vigilância forneceu os parâmetros necessários à construção da instituição perfeita. A reclusão foi uma alternativa às penas cruéis que matavam ou mutilavam e que já não eram viáveis numa sociedade industrial, o conceito de deportação foi aprimorado e os condenados foram expulsos do grupo social e colocados dentro de instituições que deveriam reproduzir uma microssociedade em todos os seus aspectos contando para isso com a colaboração de um corpo técnico especializado em saúde, disciplina, trabalho e educação.

Em que pese todo o corpo técnico e a metodologia empregada para docilizar os corpos, o que se viu foi a reprodução contínua e incessante da delinquência. Desde seu surgimento, a fábrica de corpos dóceis estava, na realidade, fabricando corpos cada vez mais rebeldes, isso não foi necessariamente um problema, ao contrário, através de uma nova economia do poder o delinquente volta para o convívio social e nele permanece cometendo os mais variados ilegalismos, os quais o poder dominante acaba por se beneficiar, um exemplo muito comum para ilustrar como as ilegalidades beneficiam setores ligados à economia em uma sociedade através do aumento da circulação da riqueza é o tráfico de drogas. No tráfico de substâncias entorpecentes ilícitas, o delinquente que realiza o comércio guarda seu dinheiro em instituições bancárias ou faz uso de artifícios popularmente conhecidos como lavagem de dinheiro onde ele cria meios engenhosos para fazer parecer que seu dinheiro foi obtido de licitamente, a instituição bancária, ao receber esse dinheiro passa a trabalhar com ele sem se preocupar muito com sua origem.

O uso político das ilegalidades é uma constante, a sensação de insegurança facilita a aceitação de leis que aumentam a vigilância em detrimento da privacidade.

Esses são apenas alguns poucos exemplos do uso das ilegalidades que são cometidas por pessoas que foram colocadas num ciclo de controle da qual elas têm grande dificuldade em sair.

A questão prisional passou a ser tratada a partir de uma visão humanista do problema em face do desenvolvimento recente do conceito de Direitos Humanos, cujo documento que expõe suas diretrizes é a *Declaração Universal dos Direitos do Humanos*, outro documento muito importante para a área prisional foi intitulado *Regras Mínimas para tratamento dos reclusos*, que foi produzido no primeiro congresso das Nações Unidas sobre a prevenção do crime e o tratamento dos delinquentes realizado em Genebra em 1955, esses e outros documentos procuram melhorar as condições do preso e lhes garantir direitos não atingidos pela sentença mas até agora nenhuma teoria que fosse viável conseguiu elaborar uma prática punitiva excluísse o encarceramento sem retornar ao espetáculo sangrento de outrora. Há propostas que procuram restringir o encarceramento apenas aos crimes de maior potencial ofensivo e aos demais delitos deve ser aplicada uma pena alternativa diferente da reclusão. Os avanços na área penal no que diz respeito à ressocialização dos presos se desenvolvem a passos muito lentos, pois encontra muitos obstáculos que vão desde a resistência da sociedade em procurar entender o processo punitivo e sua finalidade até o aproveitamento das ilegalidades pela classe dominante.

Os grupos que detém o poder, através de um discurso muito bem elaborado, controlam as classes inferiores dando-lhes a impressão de que a sociedade como um todo partilha dos mesmos problemas e o que vemos é uma tentativa de amenizar os efeitos nocivos do cárcere, mas nenhuma vontade de realmente achar uma solução do problema, são poucos os países empenhados em discutir seriamente a questão prisional no sentido de achar uma solução na qual todos saiam ganhando e não apenas um determinado grupo. O poder político estimula um entendimento equivocado sobre o assunto tratando um problema tão complexo apenas com o aumento de penas e maior número de policiais nas ruas a cada novo crescimento dos índices de criminalidade. A população se abstém de participar efetivamente de um debate sério que tenha como tema a questão prisional, a exclusão do delincente por um determinado tempo já é suficiente para ter uma falsa sensação de segurança. As informações sobre os presos são restritas aos

órgãos estatais, isso acontece não por mero acaso, isso faz parte do processo do controle, seqüestrar o corpo e procurar extrair dele o maior número possível de informações e arquivá-las e, ao não dividir essas informações o Estado mantém afastado as ingerências que ele considera indevidas e manipula o discurso sobre o delinquente do jeito que lhe for mais conveniente, desse modo é possível manter a sociedade com medo e desinteressada em se aprofundar num problema que tem impacto direto na vida de todos nós, basta ver o uso político desse tema, no primeiro indício de aumento nos índices de criminalidade logo surge um político prometendo penas mais severas para determinado delito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **A sociedade punitiva**: Curso no College de France (1972-1973). Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora VWF Martins Fontes, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU editora, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

MOTTA, Manoel Barros da. **Michel Foucault**: Estratégia, Poder-Saber. Coleção Ditos & Escritos vol. IV. Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

MOTTA, Manoel Barros da. **Michel Foucault**: Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Coleção Ditos & Escritos vol. I. Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

MOTTA, Manoel Barros da. **Michel Foucault**: Segurança, Penalidade e Prisão. Coleção Ditos & Escritos vol. VIII. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

Revel, Judit. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.